

ALERTA NO GOVERNO

Vicente Nunes
Da equipe do Correio

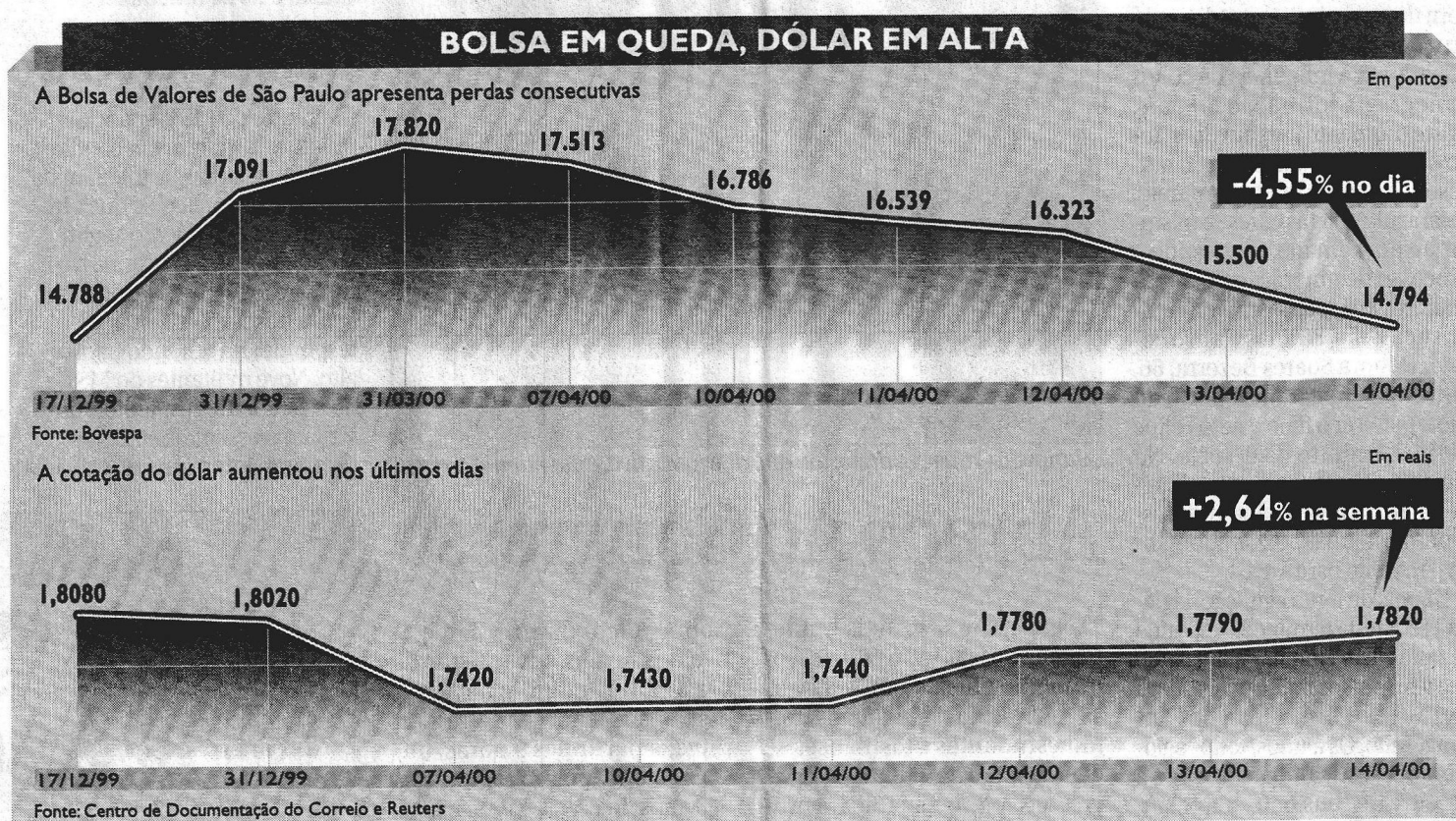
O governo brasileiro acendeu ontem o sinal de alerta, assustado com as brutais e consecutivas quedas das bolsas de valores no mundo e no país. Durante toda a sexta-feira, os integrantes da equipe econômica acompanharam passo a passo o comportamento do mercado — com alta do dólar e dos juros — para saber qual a consequência imediata da crise que ameaça bater às portas do Brasil. Tanto no Banco Central quanto nos ministérios da Fazenda e do Planejamento, já se aposta em uma alta de 0,5 ponto percentual nas taxas de juros nos Estados Unidos, no próximo dia 16 de maio, quando se reunirá a direção do Federal Reserve (FED), o banco central norte-americano. Se essa elevação realmente ocorrer — o presidente do Fed, Alan Greenspan, reafirmou essa tendência ontem —, o governo acredita que poderá haver uma saída de dólares do país além do esperado, criando nova crise de confiança em relação do Brasil.

“Por enquanto, estamos procurando manter a calma. Riscos existem de o país ser atingido por uma queda mais acentuada das bolsas dos EUA. Mas acreditamos que eles ainda estão bem distantes”, disse um técnico da Fazenda. Segundo ele, com uma saída maior de dólares do Brasil, haverá uma pressão nos preços da moeda norte-americana, o que sempre cria incertezas quanto aos rumos da inflação. Até porque o governo vinha contando com a estabilidade do dólar para evitar novos reajustes dos combustíveis. O dólar mais barato acaba compensando o aumento dos preços do petróleo no exterior.

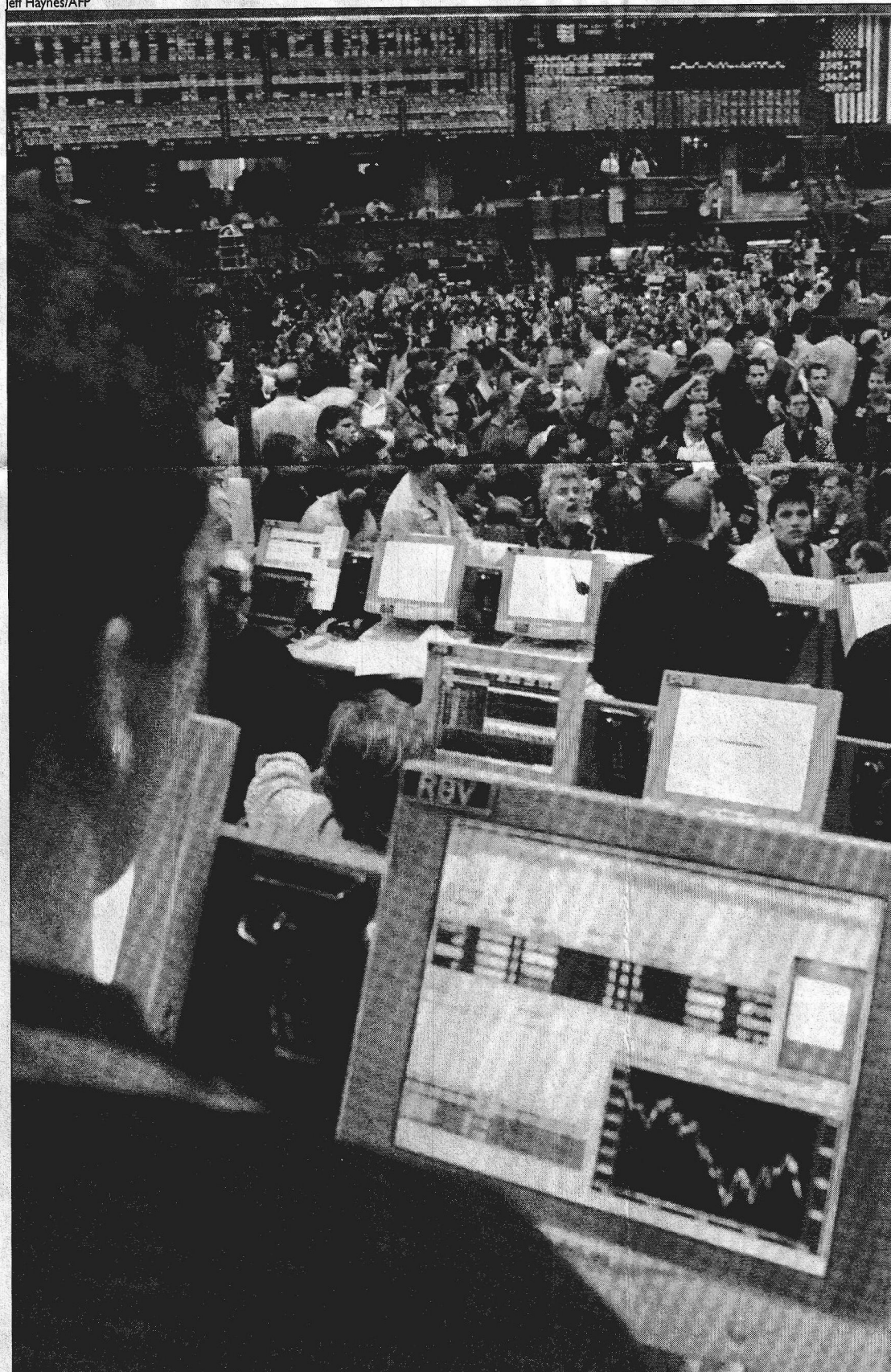
Além disso, se as cotações do dólar dispararem — na semana, subiram quase 3% —, o Banco Central poderá ser obrigado a aumentar as taxas de juros, que, não faz nem um mês, caíram de 19% para 18,5% ao ano. “Teremos uma semana de grande expectativa por causa da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) na próxima semana”, ressaltou o técnico da Fazenda. Ele sabe do que fala. Juros mais altos não combinam com uma economia que está em franco processo de expansão e com uma política de combate ao desemprego. “O que mais assusta os investidores é o medo de uma possível crise nas bolsas americanas acabar abortando a tão esperada retomada do desenvolvimento”, afirmou Ruy Schneider, diretor-presidente da Schneider Consultoria.

PROCURA POR DÓLARES

Há ainda a questão externa. Com o dólar em alta, o mercado tenderá a superdimensionar os resultados da balança comercial, que voltou a ficar negativo no acumulado do ano. Na segunda-feira, serão divulgados os resultados da segunda semana de abril e se poderá saber se realmente o déficit comercial realmente foi resultado da greve dos fiscais da Receita Federal ou se as exportações não estão reagindo com o fôlego desejado. A se confirmar a segunda hipótese, a procura por dólar tenderá a aumentar, uma vez que o rombo nas contas externas ficará acima dos US\$ 25 bilhões



Jeff Haynes/APP



Dia agitado na bolsa de Chicago por causa das perdas na Nasdaq: EUA preparam nova alta de juros

projetados pelo BC para 2000.

Para piorar o cenário atual, a saída de dólares do país — fala-se em remessas próximas de US\$ 100 milhões em uma semana — está coincidindo com um período de significativos pagamentos ao exterior. Neste mês, o desembolso das empresas privadas atingirá US\$ 2,3 bilhões. O setor público tem compromissos vencendo de US\$ 2,2 bilhões. “Isso sempre pressiona

os preços do dólar”, destacou o economista-chefe de um grande banco estrangeiro operando no Brasil. Esse quadro, porém, não assusta o diretor de Assuntos Externos do BC, Daniel Gleizer. Ele vem sustentando, em alto e bom som, que os investimentos estrangeiros diretos não param de entrar no país e que o governo captou, até o fim de março, quase US\$ 4 bilhões, dinheiro suficiente para finan-

ciar todos os pagamentos que o setor público terá de fazer neste ano ao exterior.

O diretor de Política Monetária do BC, Luiz Fernando Figueiredo, também tem mantido a calma. Nas suas últimas declarações, ele ressaltou que, com a atual política de câmbio flutuante, o país está mais protegido das crises externas. Outra garantia de que o Brasil não será tão atingido por uma crise

externa, disse Figueiredo, é o fato de os fundamentos da economia brasileira estarem muito bons. Os resultados das contas públicas estão acima das metas acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e não há nenhum sinal de capitais estrangeiros de curto prazo no país que possam desestabilizar a economia.

Seja como for, a onda avassaladora de baixa que varreu on-

tem o mercado de ações nos Estados Unidos empurrou ladeira abaixo a Bolsa de Valores de São Paulo, espalhando pânico entre os investidores. “Foi um dia terrível. O nervosismo era tamanho, que ninguém se entendia. A impressão que ficou, no fim do dia, foi a de que muita gente descobriu que estava operando no limite da irresponsabilidade e vai arcar com prejuízos brutais”, disse Nicolau Fonseca Garcia, diretor da Vértice DTVM. “Está todo mundo torcendo para que o fim de semana ajude a acalmar os ânimos. Se as bolsas despencarem novamente na segunda-feira, será o caos”, previu.

INFLAÇÃO MUITO ALTA

O clima que já estava azedo no Brasil, diante da possibilidade de o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovar correção do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) pelos planos econômicos do passado, estragou de vez logo na abertura das negociações. O estopim para a crise foi o anúncio de que a inflação de março nos EUA ficou em 0,7% em março último, o maior índice mensal registrado nos últimos cinco anos. “Essa notícia foi a primeira evidência real de que a inflação pode estar voltado à cena nos Estados Unidos, o que empurrará os juros naquele país para cima, estimulando a saída de dólares do Brasil”, disse Carlos Antonio Magalhães, diretor da R. Sirotsky Consultoria.

O resultado foi uma oscilação brutal nos preços das principais ações e quedas consideráveis no encerramento dos negócios. Na Bolsa de São Paulo, o Ibovespa recuou 4,55%. Nos EUA, o Nasdaq, que mede o comportamento das ações de empresas de alta tecnologia e Internet, chegou a se desvalorizar 11,17% por volta das 17h. Mas fechou o dia com perdas de 9,72%, a segunda maior baixa em termos percentuais, e com recuo de 357 pontos, o maior da história. Na Bolsa de Nova York, na qual são negociados os papéis de empresas tradicionais, como grandes indústrias, o índice Dow Jones teve o pior desempenho de todos os tempos: caiu 607 pontos ou 5,39%.

Com esses resultados, o comportamento no ano das bolsas de valores e dos fundos de ações, para onde migram os investidores pessoas físicas, se transformou em sinônimo de prejuízo. E dos grandes. No acumulado da semana, a Bovespa registrou queda de 15,52%. No Nasdaq, a baixa nos últimos cinco dias ficou em 25,3%. No mesmo período, o Dow Jones caiu 7,2%. “Estamos falando de perdas significativas, que podem começar a desesperar os investidores mais afoitos, que, pensando estar em um porto seguro, migraram para as bolsas de valores”, ressaltou Nicolau Garcia. “Se houver uma nova corrida para a venda de ações, vamos enfrentar mais turbulências. O mercado está muito vulnerável.”

No mercado de câmbio, o dólar fechou o dia cotado a R\$ 1,7800 para compra e a R\$ 1,7820 para venda, com valorização de 0,17%. Os C-Bonds, títulos da dívida externa brasileira registraram baixa de 1,65%. As taxas de juros dos Certificados de Depósito Interbancário (CDIs) subiram de 19,31% para 19,38% ao ano nos contratos futuros com vencimento em junho, e de 19,37% para 19,55% nos contratos de setembro.